

# BIOGRAFIA DE DEUS

## ENTREVISTA

REZA ASLAN  
TEÓLOGO E SOCIÓLOGO IRANIANO-AMERICANO

### Ronaldo Bressane \*

Quando Reza Aslan respondeu a esta entrevista sobre seu novo livro, *Deus – Uma História Humana* (Zahar, tradução de Marlene Suano), estava em plena Terra Santa. E não muito satisfeito: o parlamento de Israel havia acabado de declarar o país “a terra dos judeus” – excluindo o território, ao que parece, da presença de muçulmanos, cristãos, ateus ou representantes de outras crenças. “Israel vem se tornando cada vez mais radicalizado e menos democrático”, afirmou Aslan, um iraniano-americano de 46 anos. “Esta lei é nada menos do que uma declaração oficial de apartheid. É o prego que faltava para colocar no caixão da democracia israelense”, detonou o teólogo e sociólogo, presença constante na mídia dos EUA por conta de seu carisma e suas formulações claras e nada partidárias a respeito de qualquer religião. *Autor de Zelota – A Vida e a Época de Jesus de Nazaré*, em seu novo livro Aslan tece, em linguagem elegante e bem-humorada, uma complexa rede de conhecimentos para mostrar como a ideia de “alma” já era acalentada antes do Homo sapiens, e como as religiões, na realidade, foram concebidas à imagem e à semelhança do ser humano.

Nascido em Teerã, em uma família muçulmana, Aslan converteu-se ao cristianismo, depois ao sufismo – e hoje se assume como um panteísta: professa a fé de que Deus é todo o universo. Em tempos de fundamentalismo religioso e político, ouvir o livre-pensador Aslan é como ser ungido com um bálsamo – nem é necessário ser crente para admirar seu profundo conhecimento em religião, conforme atesta este jornalista ateu.

● Por que, em 2018, uma religião pretende ser monoteísta? É uma disputa mercadológica pela alma? Talvez uma das maiores surpresas do livro é o quão impopular o monoteísmo foi ao longo da história das religiões. De fato, quando você olha os milhares de anos na história da espiritualidade humana, o conceito de deus único só esteve aí por uns 3 mil anos. A mente antiga simplesmente não conseguia abraçar a ideia de que um deus único poderia ser responsável pelo bem e pelo mal, pela escuridão e pela luz, pelo céu e pela terra. Fazia mais sentido um deus separado para cada um dos nossos diversos atributos. Isso não quer dizer que o conceito de deus único não tenha aparecido de tempos em tempos – no livro escrevo sobre as tentativas de estabelecer o monoteísmo no Egito e no Irã. Foi só como resultado da crise existencial da fé entre os antigos hebreus que a ideia de monoteísmo começou a lançar raízes na religião judaica – foi o resultado do que hoje se conhece do exílio babilônico em 586 a.C. Mesmo os cristãos primitivos engoliam com dificuldade a ideia de deus único, e por isso eles desenvolveram a Trindade. O que mais importava não era a teologia do monoteísmo, mas suas práticas políticas. A identidade da Igreja, com seu único bispado em Roma, com a autoridade do Império Romano com seu imperador único, requeriam uma religião com um deus único. Hoje, o monoteísmo é a forma dominante da espiritualidade humana. Talvez seja por causa da história que acabei de traçar. De todo modo, é importante notar que a ideia de deus único é um conceito totalmente diverso do que aparenta ser.

● **Tudo bem misturar política e religião?**

Se você acha que religião é uma experiência privada em que simplesmente um ser humano tem uma conexão com o divino, então não faz sentido misturar religião com política. O problema é que religião não é só isso. Religião é principalmente uma questão de identidade, muito mais do que de fé ou prática. Quando alguém diz “sou muçulmano” ou judeu ou cristão, está formulando tanto uma definição de sua fé quanto de sua identidade. Está falando sobre quem é, como vê o mundo, como compreende seu lugar nele. Religião é profundamente entrelaçada com cultura, etnia, raça, gênero, orientação sexual, e, claro, orientação política. Então simplesmente não faz sentido divorciar religião da política. Fazer isso não é democrático. É óbvio que podem haver problemas, uma vez que religião diz respeito a “mandamentos”, enquanto a política (pelo menos em teoria) supõe-se ser a respeito de compromissos. De todo modo, é preciso assegurar proteções para aqueles que não compartilham da religião majoritária ou que não têm nenhuma religião.

● **O crime organizado brasileiro é muito próximo dos cultos evangélicos, e existe uma guerra entre estes grupos e as religiões afro-brasileiras, como a umbanda e o candomblé. Estamos vendo uma guerra entre o monoteísmo. Como você vê este fenômeno hoje?**

O que você está vendo, não só no Brasil mas em outros países de maioria cristã, é uma revolta contra a profunda corrupção, manipulação e politização do cristianismo ao prejudicar quem não segue a fé cristã. Nos EUA, o cristianismo se tornou uma ferramenta do partido Republicano para separar as minorias do acesso aos direitos humanos, proibir refugiados de receber asilo, afastar os mais pobres das políticas de bem-estar, acesso à saúde universal, e, em lugar disso, empoderar a supremacia branca. Para muitas pessoas,

incluindo cristãos, isso é uma traição de tudo que Jesus pregou, e por isso muitos têm abandonado o cristianismo e procurado formas alternativas de espiritualidade. É exatamente o que vem acontecendo no Brasil. Não é só uma guerra entre monoteísmo e politeísmo. É entre o establishment cristão e os que se sentiram abandonados pela igreja. É também uma tentativa de acobertar o que muitos acreditam ser uma espiritualidade mais autêntica, radicada no solo do Brasil, mais do que outras, trazidas por colonizadores.

● **O que você acha do ensino religioso nas escolas?**

Esse é um assunto muito espinhoso, porque ensinar religião para crianças pode facilmente se tornar um tipo de doutrinação. Mas o fato é que a cultura religiosa é incrivelmente importante em nosso mundo. Crianças precisam aprender sobre

as religiões assim como sobre as culturas. Não seria difícil ensinar religião sem ensinar alguma teologia em particular, mas não defendo ensinar o criacionismo nas escolas, assim como não tem cabimento dar lugar a teorias do tipo “Terra plana”. O problema não está nos pais ateus que não querem que seus filhos aprendam sobre religião. O problema são os pais religiosos que sentem que, se seus filhos aprenderem sobre outras religiões, podem questionar a sua própria. Aliás, é exatamente isso que a maioria faz. Diria que é um aspecto

positivo, mas entendo por que pais religiosos não o apreciem. De qualquer modo, se você quer criar um cidadão global, precisa ensinar as múltiplas maneiras que as pessoas têm para pensar sobre Deus e a fé.

● **É possível um cruzamento entre o livre-pensar e a aproximação religiosa da descrição da realidade objetiva? Em outras palavras, cientistas têm alma?**

Claro que sim! Rejeito completamente a noção de que ciência e religião sejam coisas incompatíveis.

**O teólogo e sociólogo Reza Aslan reconta a história da fé humana em seu novo livro e comenta as atuais conexões entre política e espiritualidade**

veis. Ciência e religião respondem a duas questões fundamentalmente diversas. Ciência trata do “como”. Religião trata do “porquê”. Ciência e religião são duas maneiras diferentes de conhecimento. E talvez veremos ciência e religião convergirem em uma só disciplina – uma que reconheça que há mais na realidade objetiva do que aquilo que vivenciamos.

● **Qual a sua opinião sobre movimentos ateístas como Ateísmo 3.0 e Novos Ateístas?**

Não sou o único que tem descrito os novos movimentos ateístas não como um tipo de ateísmo, mas como um anti-teísmo, nem sou o único que percebeu quão fluidamente o novo movimento ateísta tem se entregue ao racismo e à misoginia. É só você ir a um desses sites e blogs dos novos ateístas e ler os comentários e compreender que eles têm muito menos a ver com uma ausência de crença em Deus do que um novo conceito de fundamentalismo secular – do tipo, eu diria, que tem mais em comum com o fundamentalismo religioso do que eles admitiriam.

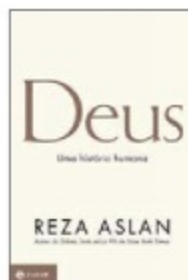
● **Já considerou a possibilidade de que a existência da alma seja uma ficção, uma ilusão?**

Talvez. Mas é um fato fundamental de que a crença na existência na alma é universal. É um fato da vida que pode ser encontrado em qualquer cultura, em qualquer parte do mundo, e através de toda a história humana. É nossa primeira crença. A pesquisa histórica tem mostrado que as crianças nascem acreditando na substância dualista – a ideia de que corpo e mente (ou alma) podem ser distintas. Na verdade, conforme conto no livro, a crença em uma alma precede a existência do homo sapiens em milhares de anos. Podemos encontrar evidências dessa crença nos neandertais e mesmo no homo erectus. Assim, talvez toda a humanidade, durante toda a história, tenha sofrido da mesma ilusão. Ou talvez exista realmente algo nessa ideia de alma que a gente devesse prestar atenção seriamente.

● **No livro ‘A Era das Máquinas Espirituais’, o futurista Ray Kurzweil propõe que o advento da Singularidade aconteça quando um ser humano possa fazer um upload de consciência. Do ponto de vista da alma, como você vê esta possibilidade? Uma inteligência artificial pode evoluir para criar uma alma? Se podemos ensinar uma inteligência artificial a mimetizar emoções humanas e se a fé é o produto de conexões neurológicas, então uma máquina crente não me parece uma ideia tão maluca assim. A verdade mais fundamental e simples a respeito da experiência religiosa é que resulta de reações químicas no cérebro. Em outras palavras, a religião é um fenômeno neurológico. Isso não a deslegitima. Agora, se algum dia pudermos recriar essas mesmas reações químicas em uma inteligência artificial para produzir a experiência religiosa, eu responderia: por que não?**

\*

É ESCRITOR E JORNALISTA, AUTOR DO ROMANCE ‘ESCALPO’ (EDITORA REFORMATÓRIO), ENTRE OUTROS



**DEUS – UMA HISTÓRIA HUMANA**

**AUTOR:** REZA ASLAN

**TRADUÇÃO:** MARLENE SUANO

**EDITORA:** ZAHAR

248 PÁGS., R\$ 59,90

VINCENT KESSLER/MUSLIM INC



**Islã.** Teólogo nasceu em uma família muçulmana, converteu-se cristão e hoje é panteísta

